

SANTOS, Lionês Araújo dos. “O corpo na cultura e a cultura da ‘reforma’ do corpo”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30: 406-414; ISSN 1676-8965, Dezembro de 2011.
<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

O corpo na cultura e a cultura da “reforma” do corpo

Lionês Araújo dos Santos

Resumo: O estatuto de corpo na cultura é o foco de discussão desse artigo. Demonstra-se que cada época tem seu estatuto de corpo. Grécia antiga, Roma, a Idade Média e a modernidade tiveram estatutos específicos de corpo. Na contemporaneidade exige-se um novo estatuto de corpo adaptado às exigências atuais da cultura contemporânea, expressa nos seus ideais de aparência, saúde e comportamento. Dessa forma, presencia-se atualmente, uma tendência à “reformulação” do corpo humano e de seu estatuto. **Palavras-chave:** Corpo; Cultura; Estatuto; Contemporaneidade.

O corpo na cultura

O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem. [LE BRETON, 2009, p. 70].

Por certo, para cada época existe um tipo específico de corpo idealizado. As representações sociais que se fazem do corpo, nem sempre foram as mesmas para todas as épocas, espaços e culturas. Cada cultura tem sua maneira

própria de pensar e evidenciar o corpo dar-lhe um sentido e atribuir-lhe um lugar na esfera social. Isso denota que identidade corporal é inventada e construída em determinados contextos culturais e em certas circunstâncias.

A Grécia antiga, a Roma imperial, a Idade Média, a Modernidade e, atualmente, a Pós-modernidade atribuíram ao corpo certo valor e indicaram determinado lugar que este deveria ocupar na cena pública. Assim o fisiológico parece estar, em certa medida, subordinado à simbologia social, representações políticas e culturais sobre o corpo³ e aos modelos epistemológicos que vigoram em cada época. Dessa forma, o estatuto do corpo tem uma longa história que compreende as fases de cada período histórico.

Em *Carne e Pedra* – o corpo e a cidade na civilização ocidental, Richard Sennett (1997) faz um estudo um tanto minucioso da relação do corpo com a cidade desde a Grécia Antiga passando por Roma até a modernidade e as transformações na compreensão do corpo ocorridas através dos estudos de William Harvey e suas posteriores repercussões⁴. A revolução científica de Harvey mudou toda a compreensão que se tinha do corpo até então.

³ É importante lembrar aqui a questão dos deficientes físicos. Se a cultura contemporânea preocupa em criar um estatuto diferenciado para o deficiente supõe-se que seu corpo possui “valor” reduzido àquele considerado o padrão ideal. Sobre essa questão, Evgen Bavar (2003, p. 188) nos faz a seguinte provocação: “[...] por que é que a ideia do deficiente invadiu a história contemporânea? Falar do corpo ferido, designar o outro como diferente de nós, é tentar acreditar na possibilidade do corpo ideal, perfeito”.

⁴ O médico inglês William Harvey (1578-1657) foi o “descobridor” da circulação do sangue. Sua descoberta, por certo, revolucionou a compreensão do corpo. A descrição da circulação sanguínea, feita por Harvey em 1628, consistiu nas bases necessárias para que ocorressem as transformações posteriores na ciência médica. O impacto das descobertas de Harvey foi além da ciência médica, afetando também a

Sennett (1997, p. 213) nota que as descobertas de Harvey as quais ocasionaram uma nova compreensão do corpo,

“[...] coincidiu com o advento do capitalismo moderno, contribuindo para o nascimento de uma grande transformação social: o individualismo. O homem moderno é, acima de tudo, um ser humano móvel”.

Nesse processo de transformação social de passagem ao individualismo, o corpo como primeira propriedade pode ser também a primeira instância a ser transportada, transformada e corrigida. Afinal, o corpo é seu traço mais visível. E o mesmo encontra-se exposto e disposto às exigências das transformações sociais e da cultura.

Essa questão do individualismo, teorizada por vários autores, tem papel central nas mudanças de comportamento que vêm ocorrendo atualmente nas relações sociais, econômicas e culturais. O modelo de circulação do sangue proposto por Harvey serviu de parâmetro para outras instâncias. Pessoas e coisas passaram a operar num processo semelhante ao da circulação do sangue. Velocidade de deslocamento das pessoas, do mercado e de corpos. Assim, evidentemente, o corpo obedece à lógica das transformações sociais, da cultura e da ciência num determinado tempo e espaço.

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados, contraditórios até mesmo para nossa lógica aristotélica do terceiro excluído, segundo a qual se a coisa é comprovada, seu

concepção de modelos teóricos de renomados economistas como, por exemplo, Adam Smith.

contrário é impossível. Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. Em outras palavras, o conhecimento biomédico, conhecimento oficial nas sociedades ocidentais, é uma representação do corpo entre outras, eficaz para as práticas que sustenta (LE BRETON, 2009, p. 29).

Como qualquer outra realidade da dimensão do mundo humano, o corpo também é socialmente construído de acordo com modelos e representações vigentes. O corpo não se resume somente na sua esfera orgânica. Ele é uma recriação do ambiente físico, cultural e social em cada período histórico. E hoje, mais do que nunca, essa recriação parece acelerar-se no tempo e generalizar-se pelo espaço geográfico.

O corpo evolui. Mas ele exige também, para cada época, uma reconfiguração dos espaços sociais e culturais. A ergonomia de cada espaço é projetada conforme as exigências do corpo da época. Vejamos, por exemplo, a evolução dos meios de transporte. Os espaços de acomodação internos, a capacidade de velocidade e os dispositivos de segurança, acomodação e conforto são cada vez mais projetado para atender às necessidades de um novo corpo idealizado, um corpo padrão, uniforme, esbelto e belo. Da mesma forma, o espaço do trabalho também é projetado com um caráter ergonômico capaz de atender e explorar as forças e potencialidades do corpo da melhor maneira possível. A forma de sentar, de circular e de se portar na relação com o trabalho é controlada tanto pelo caráter arquitetônico do espaço quanto pelo monitoramento de profissionais de segurança do trabalho. Até mesmo o espaço social adquire a configuração ergonômica para atender as necessidades de corpos que devem circular livremente sem barreiras e impedimentos.

Atualmente pode se observar a crescente preocupação com a adequação de espaços que atendam as necessidades de circulação física. A adequação de espaços para portadores de necessidades especiais é cada vez mais frequente nos dias atuais. Quando não é possível reformar ou se reinventar o corpo reinventa-se a técnica que lhe dê o suporte necessário para o seu funcionamento adequado e deslocamentos.

Outra questão relativa aos cuidados com o corpo que merece ser, ao menos ligeiramente, tocada é a questão referente à ecologia ambiental acompanhada da idéia de qualidade de vida. Nos últimos anos tem sido enorme a expansão dos investimentos em áreas que oferecem opções de lazer, ausência de poluição sonora, visual ou olfativa. Por certo, uma das maiores exigências da ecologia ambiental relacionada ao corpo nos dias atuais é a proibição do uso do tabaco em locais públicos. A proibição de fumantes se estende por todos os ambientes como, por exemplo: restaurantes, transportes coletivos, indústrias, comércios e todo tipo de espaço público de circulação.

Em nome do bem estar do corpo e da manutenção da saúde, espaços de lazer, parques públicos, condomínios privados e ambientes comerciais adequados são, hoje em dia, cada vez mais comuns. Assim, surge em nossos dias a idéia de um corpo que deve ser conservado na sua integridade obedecendo às exigências de saúde a aparência.

Além da realidade física e de suas funções orgânicas, o corpo é também realidade social e cultural. O corpo é, de certa forma, historicamente construído pelo ambiente, pela cultura e representado pelo paradigma epistemológico de cada época. Assim, ele possui marcas das práticas culturais de cada época e é, portanto, espelho e reflexo da cultura que o constitui e orienta.

A cultura da “reforma” do corpo

No entanto, hoje parece ter nascido um novo modelo de pensamento sobre o corpo. Uma nova epistemologia do corpo parece estar em curso, onde se concebe o corpo como uma matéria-prima a ser modelada segundo o ambiente do momento. Atualmente o ambiente cultural caracteriza-se pelo progresso da técnica, da ciência e dos meios de comunicação. Nesse ambiente da pós-modernidade, altamente tecnologizado e midiático, o corpo deixou de ser o substrato da natureza humana. O corpo passou a ser o principal alvo da publicidade, da ciência médica e da técnica. Estamos, sem dúvida, vivendo atualmente uma mutação antropológica do corpo.

É importante lembrar que existe um grande contraste entre a vontade de reformar o corpo humano das sociedades ocidentais e um revelador abandono das condições sanitárias de uma imensa parte do mundo. Os ocidentais – tomo como exemplo especialmente a maior potência mundial: os Estados Unidos da América –, lutam contra o excesso de colesterol ou planejam modelarem os genes para “fabricar” um homem perfeito, sem defeitos físicos ou psicológicos. Por certo, o Projeto Genoma⁵

⁵ O PGH (Projeto Genoma Humano) é um programa de pesquisa internacional que foi concebido em meados da década de 1980, nos Estados Unidos, pelo Department of Energy (DOE), inicialmente, e logo depois, pelo National Institutes of Health (NIH). Por volta de 1988, as duas agências estavam trabalhando juntas. O processo de planejamento inicial culminou em 1990, com a publicação de um plano de articulação de pesquisa. O PGH foi projetado para: a) construir detalhadamente os mapas genético e físico do genoma humano; b) determinar a sequência completa dos 3 bilhões de pares de nucleotídeos do DNA humano; c) localizar os cerca de 30.000 a 40.000 genes dentro do genoma humano; d) executar análises semelhantes nos genomas de diversos organismos usados em laboratórios de pesquisas, como sistemas-modelo; e) melhorar a tecnologia para pesquisa biomédica. Estima-se que os produtos científicos do PGH incluirão informações detalhadas sobre a estrutura, organização e função do DNA humano, informações que constituem o conjunto básico de

com o mapeamento genético forneceu muitos subsídios para reforçar essa utopia. De forma que o início do século XXI já se apresentou como o “século da biologia”. Grandes projetos e empreendimentos científicos já foram e ainda continuam sendo realizados nessa área. Parece que a ciência contemporânea insiste, cada vez mais, em combater os indeterminismos da vida e as imperfeições do corpo.

É importante ressaltar que se busca nos dias atuais, a perfeição do corpo e a eterna juventude. Nossos avôs, por exemplo, não experimentaram o que hoje se chama de terceira idade, acompanhada pela assistência de especialistas em geriatria. A terceira idade é, de certa maneira, medicalizada para amenizar os efeitos e as marcas do tempo. A velhice, rugas, cáries, cabelos brancos, calvície, cansaço e impotência são agora possíveis de serem tratados com as benesses da farmacologia. A vida contemporânea torna-se, cada vez mais, controlada e administrada pela farmacologia.

Jurandir Freire Costa (2005, p. 77) nos fala de um “imaginário de perfeição” que ronda as mentes contemporâneas. Segundo ele:

O avanço real ou ideologizado da ciência e da tecnologia mudou o perfil da idealização da imagem corporal. Até bem pouco tempo, buscava-se alcançar

instruções herdadas para o desenvolvimento e funcionamento de um ser humano. Os objetivos do PGH em saúde envolvem a melhoria e simplificação dos métodos de diagnóstico de doenças genéticas, otimização das terapêuticas para essas doenças e prevenção de doenças multifatoriais. O PGH traz comparações com o Projeto Manhattan e o Projeto Appollo, e transformou a Biologia em *big science*, como a física, isto é, a noção de um conhecimento (ou ciência) imparável no sentido de controlar a natureza. A imprensa leiga aproveitou a idéia e diariamente veicula as promessas do projeto, como: “Pensávamos que nosso destino permanecia nos astros. Agora sabemos que, em larga medida, o nosso destino está nos genes”.

no futuro a perfeição mítica do passado sentimental; hoje, imagina-se que a perfeição será conseguida pela perfectibilidade física prometida pelas novas tecnologias médicas. O futuro deixou de ser o tempo indeterminado de autorrealização de fantasias emocionais para ser o tempo protocolar das etapas da correção física da aparência corporal.

Enquanto isso, em várias outras partes do mundo, crianças morrem de fome, desnutrição ou por falta de medicamentos essenciais para combater seus males. O império farmacêutico com seu potente arsenal de medicamentos não fornece a todos os mesmos benefícios. A desigualdade social reforçada pela má distribuição de renda ainda é uma realidade em praticamente todos os continentes. Talvez, essa ainda seja a realidade característica de uma sociedade paradoxal cheia de contrastes sociais, onde nas ruas das grandes cidades se cruzam simultaneamente pedintes e carros importados de alto luxo, onde famintos recolhem sobras de comida no lixo para não morrerem de fome enquanto outros se enclausuram em clínicas de emagrecimento, spas para perder peso, academias de ginástica ou ainda recorrem a clínicas de cirurgias plásticas para reformar e conquistar o corpo almejado.

Referências

BAVCAR, Evgen. O corpo, espelho partido da história. In. Adauto Novaes, (org.). *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2005.

FOLHA ONLINE. Fique uma "Carla Perez" por R\$ 28,6 mil. Reportagem de Débora Pratali. Free-lance para a *Folha Online*. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/carla_perez_preco.shtml>. Acesso em 01 de maio de 2009.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus Editora, 2003.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SENNETT, Richard. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1997.



Abstract: The status of body culture is the focus of discussion on this article. It shows that every age has its status as a body. Ancient Greece, Rome, the Middle Age and modernity have specific statutes of the body. In contemporary times this requires a new status of body adapted to the current demands of contemporary culture, expressed in its ideals of appearance, health and behavior. Thus, presence is now a tendency to "overhaul" of the human body and its status. **Keywords:** Body, Culture, Statute; Contemporaneity.

